



**AÇÕES DE EDUCAÇÃO CONTINUADA: interesse das Instituições
na autoformação de seus professores numa
perspectiva de uma Educação para a Inteiraza?**

Leda Lisia Franciosi Portal - PUC/RS

RESUMO:

Reconhecendo o compromisso e a responsabilidade das IES em relação às Ações de Educação Continuada bem como entendendo que todo o Ser Humano na sua trajetória de “fazer-se homem” está em constante movimento de ampliação de sua consciência, esse texto se propõe oportunizar a reflexão sobre interesses que mobilizam as IES em relação às ações de Educação Continuada, ofertadas aos seus professores, que contemplem e enriqueçam sua autoformação, numa perspectiva de uma Educação para a Inteiraza, que compreende o homem em suas diferentes dimensões: mente, corpo, coração e espírito. A proposta desse artigo é contribuir com o momento social atual que exige reinvenção dos processos de formação como foco de interesse das IES, entendidos não só como um ato formativo docente/profissional, mas como autoformação permanente, buscando inovar os processos de ensinar e de aprender, melhorando a qualidade educacional de forma a ser possível intervir para a construção de uma sociedade saudável, ética e ecologicamente sustentável.

Palavras-Chaves: IES, Educação Continuada, Autoformação, Inteiraza

Inspirada e instigada pelos significativos resultados emergentes de Projetos de Pesquisa, desenvolvidos junto ao Grupo de Pesquisa que coordeno no Programa de Pós Graduação em Educação do qual faço parte, como pelas orientações de Mestrado e teses de Doutorado defendidas, lancei-me ao desafio de elaboração desse artigo que traz para reflexão o questionamento: “*é de interesse das IES, em suas ações de Educação Continuada, investir na autoformação de seus professores numa perspectiva de uma Educação para a Inteiraza?*” Para justificar meu objetivo, julguei necessário esclarecer os significados das principais variáveis por mim trazidas, e intrinsecamente relacionadas, para melhor compreensão dos leitores. “*Educação para a Inteiraza*”, uma proposta de autoconstrução do Ser Humano, voltada para interioridade do próprio Eu, redescobrimo-se em suas dimensões constitutivas - social, emocional, espiritual e racional, que desenvolvidas de forma equilibrada são essenciais para a ressignificação de sua dignidade”, (Enciclopédia de Pedagogia Universitária, Glossário, vol 2, 2006, p. 77). Está sustentada pelos autores: Morin (1995, 2000; 2002; 2005), Catanante

(2000), Wilber (2002; 2003) e Nicolescu (1999), ancorados na fundamentação do Paradigma da Transdisciplinaridade que nos desafia à ruptura com a separatividade, a fragmentação e a individualidade, características da sociedade atual, repleta de constantes crises que nos levam ao aumento de nossa dificuldade para fazer escolhas e agir em sintonia com as nossas verdadeiras prioridades pessoais em consequência da perda de contato com a nossa interioridade.

“*Autoformação*”, uma abordagem interior de Educação que implica, por um lado, processo transdisciplinar, para considerar a pluralidade de níveis de realidade desses dois conceitos: auto (si) e formação. Por outro lado, um processo antropológico que implica abordagem transcultural. Autoformação não é concebida como um processo isolado (egoformação), propalada por uma visão individualista, mas é um componente da formação, considerada como um processo tripolar. Segundo Galvani (2002), trata-se de um processo constituído por três pólos principais: si (autoformação), entendida como a tomada de consciência do sujeito sobre seu próprio funcionamento, sobre si mesmo; o pólo hetero que inclui a educação e as influências sociais herdadas da família, do meio social e da cultura, das ações de formação inicial e continuada, constituindo-se como um processo de formação, definido e hierarquizado de maneira heterônima pelo meio ambiente cultural. A formação conduzida pelo pólo eco se compõe das influências físicas, climáticas em todas as suas variedades e das interações físico-corporais que dão forma à pessoa, produzindo uma forte influência sobre as culturas humanas, bem como sobre o imaginário pessoal, que organiza o sentido dado à experiência vivida. Segundo o autor, “esse triplo movimento de tomada de consciência e de tomada de poder da pessoa sobre sua formação parece ser a base de uma definição conceitual de autoformação, caracterizada pelo imbricamento da *reflexibilidade* e da *interação* entre a pessoa e o meio ambiente.”. Para Galvani, “não é possível pensar autoformação sem articular o acoplamento interativo pessoa/meio ambiente e a tomada de consciência reflexiva” (p.97). *Autoformação* ,portanto é processo de um caminhar para si, como possibilidade do assumir-se. Seu suporte teórico principal está em Josso (2004) e Galvani (2002) para os quais a prática de vivências de autoformação contribui significativamente para a constituição de experiências de ampliação de consciência dos sujeitos, possibilitando integrar-se consigo mesmo e com o outro, repercutindo na sabedoria de viver sua própria existencialidade. O desenvolvimento de tal variável, desafia a produção científica, tecnológica e os conteúdos que ainda circulam em nossas IES que pouco ou quase

nada vem contribuindo para que o ser humano possa encontrar-se, constituir relações sociais passíveis de reconciliação de si e, conseqüentemente, da sociedade.

“Ações de *Educação Continuada* (EC)” são aqui entendidas, segundo Furter (1974,p.79) como:

[...] processo ininterrupto de aprofundamento tanto da experiência pessoal como da vida coletiva que se traduz pela dimensão educativa que cada ato, cada gesto, cada função assumirá, qualquer que seja a situação em que nos encontramos, qualquer que seja a etapa da existência que estejamos”.

São possibilidades de espaços significativos para a formação continuada de seus integrantes e que poderão vir a contribuir para a ampliação de consciência que iluminará o desenvolvimento das diferentes dimensões do Ser Humano, tornando viável uma civilização global. A compreensão do sentido e do significado de ações de EC, provavelmente nos encaminharão para outro estágio da humanidade na qual, em nossa visão mais otimista, poderá, quem sabe, predominar a consciência de integração, de interdependência e o reconhecimento de nossos processos de co-evolução.

Salienta-se a importância da reflexão sobre o processo de desenvolvimento individual e a responsabilidade do próprio sujeito na busca de seu aperfeiçoamento na direção de um Homem mais humano e cômico de sua liberdade na harmonização e humanização de sua vida. Vários pensadores contemporâneos, como Morin e Nicolescu, têm criticado a prática de uma ciência sem consciência e defendido o re-encontro entre ciência e filosofia, separadas desde o século XVI. Segundo esses autores, as ciências do novo século deverão passar por uma verdadeira metamorfose, tanto em seus objetos quanto em seus métodos, uma vez que as questões fundamentais da filosofia – o mundo, a natureza, a vida, o ser humano, a realidade – voltaram a integrar o cerne da ciência moderna.

Professores, integrantes de minhas investigações, apontados por seus alunos como de “Inteira”, segundo critérios estabelecidos por Wilber (2003) ao desvelarem suas concepções e buscas por Ações de EC demonstraram ter um olhar sensível em seus investimentos de formação, contemplando as diferentes dimensões que os constituem. Sinalizaram a necessidade de um olhar mais atento e sensível por parte das IES, à articulação íntima entre a construção pessoal/profissional de seus docentes e a construção social que deve estar presente nas propostas de EC por elas ofertadas. Julgam por suas vivências e experiências estarem essas propostas longe de serem assim entendidas e processadas, limitando-se a transmitirem em suas estratégias de ação o que se poderia chamar

significativamente de “bagagem cultural”, sem maior preocupação de ser uma ação “criadora humana” de seus integrantes. Ação que trata de uma formação na qual cada ser humano é capaz, de maneira autônoma, de progredir e assumir por si próprio sua autoformação, de maneira a distinguir a significação e o sentido de desenvolvimento do papel das IES nessa formação, tendo uma visão de homem e de civilização a que se aspira..

Instituições do Ensino Superior (IES) são abordadas nesse texto conforme o que preconiza o Art. 43 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDB/96 - “espaços de estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo; formar e diplomar pessoas nas diferentes áreas do conhecimento, tornando-as aptas para a inserção em setores profissionais e para participação no desenvolvimento da sociedade, propiciando-lhes ainda, formação continuada; incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia e à criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento sobre o homem e o meio em que vive; promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber por meio do ensino, de publicações e de outras formas de comunicação; suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a concretização , integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos, numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração; estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais; prestar serviços especializados à comunidade, estabelecendo com ela relações de reciprocidade; promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na Instituição.

Por muitos anos, vários têm sido os cursos, encontros, seminários, pesquisas que vêm procurando pensar o mundo em seus tempos e contratempos, a partir da economia, da política, da cultura, do pensamento e, principalmente, dos novos avanços científicos e tecnológicos. Cada vez mais se torna presente nas discussões acadêmicas, a necessidade de se prestigiar as abordagens que considerem o pensamento complexo, o caos organizador, o poder delineador dos acontecimentos, o não figurativo, as estruturas assimétricas, as diferentes realidades, as incertezas e provisoriiedades, a inter e a transdisciplinaridade. Para tanto, não basta termos clareza da atual visão de mundo, de sociedade, de universidade, marcada pela simplificação, linearidade, fragmentação, separatividade, determinismo de feição reducionista. Urge assumirmos, o que estamos sendo instigados a rever: nosso modo de pensar, de sentir, de

significar e de agir como sujeitos de “inteireza”, reconhecendo preconceitos, ponderando exigências essenciais e imprescindíveis, assumindo uma atitude responsável e consciente de humildade diante de nosso próprio conhecimento (autoformação/autoconhecimento), encontrando nas IES, o estímulo e o respaldo necessários. O que está em jogo e em risco é nosso futuro para bem mais além do acadêmico-profissional, mas enquanto espécie, e a credibilidade das IES, enquanto agências formadoras desse profissional.

Corroboro com Ferreira (2005), quando desafia a necessidade de se rever os *modos de ser da universidade e da educação* a partir do contexto sócio-histórico em que vimos existindo, chamando a atenção para uma cosmovisão que leve em conta a dinamicidade da realidade e a complexidade que, a cada momento, vai se nos desvelando. Aponta a necessidade de que propostas de formação docente continuada das IES reconheçam os fundamentos da transdisciplinaridade que admite diferentes Níveis de Realidade, a Lógica do Terceiro Incluído e a Complexidade, aliados à subjetividade e à percepção da realidade em constante movimento.

Enriquece e complementa essas idéias Kujawalski (1985) para quem esse modo de ser da universidade e da educação têm suas raízes na própria concepção e desenvolvimento da Ciência, cujo significado está em se visar no real, o privilégio da objetividade e da aplicabilidade. Tal postura utilitária presente e permeando a mentalidade da ocidentalidade moderna, na qual desenvolvemos nossas vidas, propicia, com suas contradições, a abertura de enormes fraturas de incerteza em áreas básicas de nossas crenças. Fraturas, que por sua vez, passam a ameaçar a estabilidade de nossa existência e que ao forçar nosso pensar, na tentativa de sua compreensão e entendimento, deixam emergir, provavelmente, a percepção de estarmos vivendo de maneira inautêntica, estimulando o desejo de encontrarmos outros modos de Ser. Isso justifica as mais diferentes buscas orientadoras de itinerários e das escolhas de vida que afoitamente vimos empreendendo. Estariam aí justificados os constantes apelos por Paz, Moralidade, Ética, Valores, Sentido, Significado, numa procura vã pela Felicidade?

Surgem aqui, complexas e instigantes indagações: Que mundo é esse em que estamos querendo pensar, discutir, pesquisar? Para quê? Para quem? Por quê? Onde estamos nele? Por onde tem nos levado? A que custo? Que papel nele as IES tem a desempenhar? E nós, seus integrantes? O que cabe nele pensar, sentir, significar e fazer para sermos verdadeiros promotores da Paz, do Amor, da Solidariedade em contraponto ao Ódio, à Violência, ao

Desespero, à Arrogância, à Prepotência, à Falta de Compaixão? Sentimentos, aliados a tantas outras adjetivações que tão bem caracterizam e retratam o cotidiano de nossos dias atuais e que insistentemente nos apontam e alertam para a nossa própria autodestruição. Parece-nos, sim, que é nesse momento que as IES poderão se mostrar como um lugar privilegiado de diálogo, de exercício do livre arbítrio e de espaço propício para ampliação de consciência. Lugar, onde gestores, professores e alunos, poderão encontrar condições para desdobrarem suas potencialidades, ampliarem suas consciências, decidirem com responsabilidade sobre critérios de suas ações, realizando um desenvolvimento harmonioso de seu Ser, no equilíbrio de suas diferentes dimensões constitutivas, num processo transcendente de “tornarem-se”. As IES têm, sem dúvida, como instituição social e espaço de aprendizagem, investigação e formação, oportunidade de propiciar a construção de um novo modo de Ser, incluindo nesse processo compreensão, tolerância, respeito, consideração, amor, ética e paz que se nos desvelam os modos de ser próprios de uma cultura transdisciplinar (Nicolescu, 2001) e que nos parece ser a que desejamos construir.

Acredito que por mais distintas e controversas que possam ser as respostas a essas perguntas e por mais polêmicos que possam ser os temas centrais de uma determinada época nela trazidos, discutidos e pensados, o mais relevante é que esteja, no centro de suas reflexões, a cultura contemporânea em que estamos inseridos. Uma cultura marcada por sua mercantilização, economicismo exacerbado, império do consumismo pregado pela publicidade, novas tecnologias, muitas vezes entendidos como panacéia de nossos desacertos e mazelas e que por um simples mergulho real no imaginário virtual nos concede o direito de conhecer suas obsessões, fetiches e delírios. Cultura marcada pela crise das utopias políticas com seus sonhos mirabolantes, sem propósitos definidos de chegada e por uma educação desprestigiada e falida, ao mesmo tempo em que paradoxalmente, apontada como fundamental e responsável para que algo diferente do comum possa acontecer, acrescida e temperada pela sutil aragem de uma suposta nova estética.

Reforçam essa discussão Trein e Rodrigues (2011) ao abordar o mal-estar na Academia provocado pelo fetiche do conhecimento - mercadoria e o seu canto de sereia- produtivismo, demonstrando os limites desse processo e suas nefastas conseqüências pessoais, institucionais e científicas.

Mobilizada pela necessidade de ampliação de nossas consciências, principalmente nós, educadores, e por acreditar no compromisso das IES para com a sociedade, instigando as

transformações de vida humana e na responsabilidade que é nossa, individual e coletiva, de sermos agentes autoconstrutores responsáveis pelos rumos de nossa autoformação, aventuro-me a instigar as discussões das implicações no campo da EC, pela forma como é pensada, concebida, ofertada e estimulada pelas IES. No decorrer dos séculos, esteve presente o antagonismo do conceito de EC. Num primeiro momento, surgiu como processo de desenvolvimento individual e de responsabilidade do próprio indivíduo: inicia na infância e pode durar a vida inteira, ficando, num segundo momento, a cargo do sujeito o interesse em continuar sua formação. Em outra fase, o aperfeiçoamento do indivíduo deixou de ter um caráter particular e passou a ser promovido pelas empresas com o objetivo de manter seus profissionais atualizados, revertendo em produção e melhores resultados. Nos documentos da década de setenta fica evidente que existe uma acomodação do entendimento de EC aos objetivos da economia e às pressões tecnocráticas, que “opõem conformidade dos objetivos individuais às metas econômicas.” (GADOTTI,1974 apud COLLET,1076,p.23). O autor compreende que a “Educação Permanente que não chegar a formar um homem mais humano, cômico de sua liberdade, que olha com amor seu próximo, trairia sua finalidade mais profunda e não constituiria senão uma sociedade de alta rentabilidade, mas vazia de diálogo, de participação e de calor humano.”

Percebe-se que essas reflexões e interesses são os mesmos apresentados hoje no século XXI. Desse modo, julgo fundamental investigar por quais razões e interesses, as IES investem em EC de seus professores; conceitos constituídos sobre ela e possibilidades de sua contribuição no sentido de responder às inquietações e exigências de uma Educação para a Inteiraza dos Seres Humanos que a constituem em harmonia e coerência com as necessidades institucionais.

Pode-se afirmar que uma das inquietações que aflige a civilização hoje é a falta de harmonia entre a vida profissional e pessoal, gerada pela ausência de sentido e de significado de vida. “O grande desafio do século XXI é da mudança do sistema de valores que está por trás da economia global, de modo a torná-lo compatível com as exigências da dignidade humana e da sustentabilidade ecológica”. (CAPRA, 2003, p. 268).

Na busca dessa sustentabilidade ecológica, referencio os estudos de Wilber (2003), Catanante (2000), Yus (2002), Wolman (2001), Moraes (2004) que propõem e privilegiam o desenvolvimento de um Ser Integral. O termo “integral” não tem um sentido de uniformidade, completude, nem relação com a tentativa de eliminar as extraordinárias diferenças, mas, sim,

o de significar a unidade na diversidade, compartilhar atributos comuns. Wilber (2003) conceitua “integral” como a ação de reconciliar, juntar as partes, integrar, unir. Para esse autor, a concepção integral passa pela concepção e ampliação da consciência humana ao considerar e entender o ser humano em suas diferentes dimensões: corpo, mente, coração e espírito, tecidas no equilíbrio da inseparabilidade de suas interações e inter-relações.

Acredito que esse Ser Humano de Inteira, poderá contribuir com

“[...] a construção de comunidades ecologicamente sustentáveis, organizadas de tal modo que as tecnologias e as instituições sociais em suas estruturas não prejudiquem a capacidade intrínseca da natureza humana de sustentar a vida”. (CAPRA, 2003, p. 17).

Se temos consciência de que o preço que precisamos pagar pela exploração técnico/científica estaria pondo em risco a dignidade humana, justifica-se o interesse ora mencionado de questionar, por meio de um processo investigativo: a quem cabe a responsabilidade pela ampliação dessa consciência para formação da Inteira desse Ser?

Atualmente, as IES têm o compromisso para com a sociedade de instigar as transformações da vida humana, propiciando espaços de integração do ser humano consigo mesmo, com o outro, com a sociedade, com a natureza para torná-lo mais harmônico, e contribuir com inovações por meio do Ensino, da Pesquisa e da Extensão, em consonância com as exigências sociais do hoje e do amanhã. Considerando esse papel que as IES exercem, cabe aos docentes nelas atuantes tornarem-se agentes diretamente responsáveis por propiciar condições para atendimento a essa formação (autoformação). Estariam as IES e nós docentes sensíveis e atentos a esse chamado? Estariam preocupados em relação a uma formação de Inteira, ao desenvolvimento das diferentes dimensões que nos constituem: corpo, coração, mente e espírito? Em que tipo de EC estão investindo? Por quê? Pra quê? A favor de quem? Quais têm sido suas mais notórias repercussões? Como vêm respondendo aos interesses pessoais, profissionais e institucionais?

A consciência da responsabilidade das IES e de nós docentes na formação do Ser Humano Integral dependerá do grau de ampliação de nossa própria consciência, pois estamos diante de “[...] uma encruzilhada: continuar refletindo no espelho o materialismo científico, o pluralismo fragmentário e o pós-modernismo desconstrucionista, ou olhar para além do espelho, escolhendo uma vereda mais integral, mais abrangente e mais inclusiva”.(WILBER, 2003, p. 11).

Estaria o excessivo investimento no aspecto profissional, pelas exigências contextuais, ofuscando, quando não deixando no esquecimento, a correspondente e intrínseca condição de Ser pessoal desse profissional, evidenciado pelas manifestações características do contexto de mundo atual que clama por paz, harmonia, ética, solidariedade e compaixão?

O desenvolvimento pessoal vem sendo preocupação de investimento em ações de EC pelas IES? Que repercussões acreditam se fazer presentes no exercício docente de seus professores? Harmonia pessoal e profissional vem sendo uma necessidade buscada e suprida pela EC e vem sendo de interesse das IES?

Resultados de pesquisa desenvolvida, em uma de suas questões de estudo, buscou saber como os professores percebiam os Interesses das IES em suas ofertas de EC, deixando desvelar ser, na maioria delas, para atendimento voltado a uma exigência externa de avaliação institucional do que por interesse para atendimento a uma necessidade sentida. São ações reconhecidas muito mais pelo Investimento na dimensão cognitiva/intelectual, em detrimento das demais: física, social, emocional e espiritual.

Enfatizaram, os professores, serem oferecidas oportunidades de ações de caráter formal, centradas em capacitações em serviço que embora apresentem muitas vezes temas importantes de serem trazidos, nem sempre são transportados para discussão nas diferentes Unidades, não chegando, conseqüentemente, às salas de aula. Outros depoimentos alertaram a oferta de capacitações com temas que nada acrescentam ao exercício da docência, tornando-se desinteressantes e até desnecessárias. Mencionaram, ainda, oportunidades ofertadas pelas IES no incentivo às saídas de seus professores para a participação em Eventos científicos, entretanto, apenas, quando forem apresentar trabalho. Outras manifestações foram em relação ao não envolvimento das IES, algumas eximindo--se, de oferecer qualquer ação de EC, deixando a busca na exclusiva responsabilidade e interesse individual de seus professores.

Tais resultados me parecem denunciar a necessidade de maior sensibilização das IES, em seus investimentos em propostas dessa natureza, que possibilitem a ampliação de Consciência de seus docentes, contemplando seu desenvolvimento nas diferentes dimensões que tecem sua Inteira, visando maior qualidade pessoal e profissional.

Contextualizando o cenário atual no que se refere ao interesse que mobiliza as IES em suas propostas de EC a seus professores, sob a perspectiva da transdisciplinaridade, é fundamental que o investimento não se dê apenas, pela demanda de uma sociedade instável e

mutante, mas pelo fato de perceberem e entenderem o homem necessitar adaptar-se a novas maneiras de pensar, sentir, significar e agir, e, sobretudo, para que não perca sua essência.

Meu apelo é para que as IES valorizem a complexidade do processo de formação de seus educadores, numa abordagem centrada em um sujeito de “inteireza”, orientando-os individual e coletivamente no exercício de ampliação de sua própria consciência com significativas repercussões para uma vida mais plena, digna de qualidade, com conseqüente maior qualidade no exercício profissional.

Vive-se em pleno século XXI com a dicotomia entre a convicção na esperança de um mundo mais humano e a cega valorização dos bens materiais e os valores que embasam as lógicas produtivas. Contribuem para agravar essa dicotomia, as constantes mudanças socioeconômicas, políticas, educacionais e espirituais que estão nesse século refletidas no nosso modo de Ser e Estar no mundo. A situação atual tem gerado um profundo vazio nas pessoas. Para Larrosa e Skliar (2001), está-se convivendo com o desenvolvimento tecnológico e valorizando-o em demasia. Esse encantamento é sucedido pelo excesso de informação e de trabalho, pela falta de tempo, de silêncio, de memória, o que condiciona as pessoas a projetarem em sua existência a necessidade de fazer e adquirir coisas. O sentimento emergente é de estar sempre em dívida consigo mesmo, com a família, amigos, colegas e trabalho. A impressão que há é de que falta tempo para um investimento pessoal, para se dedicar a si, aos familiares, aos outros e ao trabalho. O nível de exigência é alto, e de tolerância é baixo. Existe a ilusão de acreditar que é possível atender a todas as demandas profissionais e pessoais. Vive-se no conflito de transpor o abismo que se abriu entre os projetos humanos e as exigências da economia vigente. Conseqüentemente, o ser humano não tem conseguido viver harmonicamente, “Inteiro”.

Os autores Trein e Rodrigues (2011) complementam com resultados de seus estudos ao reforçarem o mal-estar na Academia, em grande parte, pela “contradição entre a coerção a que a comunidade científica se sente submetida, pelo ritmo acelerado das transformações dos processos de trabalho instaurados, e o desejo de contribuir para o resgate do valor de seu uso social, superando o valor de troca material e simbólico que caracteriza o trabalho intelectual hoje produzido no meio acadêmico. Soma-se a esse quadro, acirrada competição entre os pesquisadores em prol de mais acesso a recursos e prestígio social, aumento exponencial de produção de artigos e livros sem maior repercussão e influência de transformações significativas, representando meras estratégias de sobrevivência.

Nesse contexto, pergunto: onde teria lugar o investimento na autoformação dos professores numa perspectiva de uma Educação para Inteira, na qual os princípios de um bem-viver sejam os orientadores de suas ações, refletindo-se na produção de um conhecimento vivo, consistente, desvelador das relações estabelecidas e transformador da realidade, constituindo-se em valor socialmente útil?

Diante desse conflito pessoal e de ameaças presentes, como a possibilidade de aumento da produtividade na perspectiva da elevação do produtivismo à condição de fetiche, da extinção da vida no planeta e da destruição da biosfera, vem despertando, nas mais diversas áreas do saber, a necessidade de investimento em uma Educação para a Inteira, que possibilite ao ser humano refletir sobre algumas questões básicas da vida: seu lugar no mundo, sua missão, o modo correto de agir para garantir um futuro comum. Em vista disso, a esperança como dimensão da alma surge como possibilidade de dar sentido e significado à vida das pessoas. Conforme Yus (2002), cresce nesse cenário, a consciência da crise ecológica, social e espiritual, surgindo a necessidade de uma civilização global que acreditamos ser uma de suas possibilidades para o sentido e o significado atribuído à Educação Continuada empreendida por nós seres humanos e pelas IES, que nos oportunizam formação.

É ampliando a consciência que essa civilização poderá propiciar o rompimento com o círculo vicioso das lógicas produtivas e investir na esperança citada por Capra (2003). Embora pareça impossível a formação dessa civilização, Morin (2005) define que a complexidade que a caracteriza, pela tessitura de suas inter-relações, é um desafio e não uma resposta às dúvidas existentes. Essa afirmação faz parte do cenário no qual se vive o presente, descrita como “[...] o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem o mundo fenomênico.”(MORIN, 2005, p.13).

Essas extraordinárias transformações, responsáveis por tecerem a realidade da vida, provocam avanços que exigem das IES e dos mais distintos profissionais, atualizações constantes. Ao mesmo tempo em que as transformações contribuem para dignidade de vida no planeta, desestabilizam o Ser e o Estar humanos das IES, instigando-as a investirem em valores pessoais de seus integrantes, com significativas repercussões profissionais e sociais. Diante disso, o estudo dessas questões se faz importante na Educação para oportunizar às IES, aos educadores e aos educandos novas possibilidades de leitura do mundo em que se vive. Advém, então, uma questão importante: a reflexão de que a Educação necessita assumir uma

função mais ampla, fundamentada em uma nova visão de mundo, comprometida com a formação humana, na sua integralidade/inteireza.

Segundo Moraes (2004, p. 7), “[...] todo processo de formação envolve um processo de transformação, vivenciado recursivamente ao longo da vida, revelando, a cada instante, uma capacidade única de auto-organização, de auto-regulação dos próprios processos vitais”. O ser humano se encontra sempre em um *vir a ser*, admitindo que a qualidade de vida depende da qualidade do corpo, depende da saúde física, mental e espiritual e do cuidado que a ela se dedica. Portanto, a educação é aqui considerada uma das formas de contribuir para ampliação da consciência que iluminará o desenvolvimento das diferentes dimensões do Ser Humano (autoformação), tornando viável a civilização global. Conforme a mesma autora, “[...] estamos não apenas iniciando um novo século, mas, também, querendo deixar para trás uma etapa da história da humanidade em que prevalece a separatividade, a violência, a desarmonia e o egoísmo nas relações humanas”; “[...] estamos caminhando para um outro estágio da humanidade, na qual, em nossa visão mais otimista, poderá, quem sabe, predominar a consciência de integração, de interdependência e o reconhecimento dos processos de co-evolução” (p. 308).

Reconhecendo o compromisso e responsabilidade das IES em relação às ações de EC bem como entendendo que todo Ser Humano, na sua trajetória de fazer-se homem, está em constante movimento de ampliação de consciência, cabe refletir sobre qual o interesse das IES, no investimento em Ações de EC que contemplem e enriqueçam a autoformação de seus professores para o desenvolvimento de uma Educação para a Inteireza em suas diferentes dimensões: mente, corpo, coração e espírito para assim contribuir com a melhoria de qualidade social, do ensino ofertado.

A proposta desse artigo, portanto, tem como meta contribuir com o momento social atual que exige a reinvenção dos processos de formação, como foco de interesse de IES, entendendo-os não só como um ato formativo e aqui, no caso, docente/profissional, mas como um processo de autoformação permanente e inerente à vida de todo e qualquer Ser Humano. Processo esse que contemple o profissional docente como responsável por sua própria formação (autoformação), preocupando-se em desenvolver, conscientemente, ações ativadas no sentido de “fazer-se homem”, bem como contemple as IES com responsabilidade social para que esse desenvolvimento ocorra, buscando inovar o processo de ensinar e de aprender,

melhorando a qualidade educacional de forma a ser possível intervir para a construção de uma sociedade atualizada, organizada, saudável e ecologicamente sustentável.

A aposta é, como a EC e a autoformação por ela construída, propiciada pelas IES e buscada pelos seus integrantes, podem contribuir para uma mutação da visão destruidora de mundo, mediada por pressupostos epistemológicos de uma Educação para a Inteira.

Uma pista de trabalho, nessa imensa questão, parece-me ser a necessária inversão do eixo de ação educativa para desenvolver uma abordagem interior de educação, autoformação, implicando importante processo antropológico, numa abordagem transdisciplinar e transcultural.

Nas Considerações Finais, resalto como resultados esperados dessa produção, apresentar elementos que possibilitem, na contextualização de mundo vivido, suscitar a importância e necessidade de enfrentamento da desesperança da realidade de mundo, vislumbrada, pelo discernimento da Inteira em suas constituições da dimensão humana exteriorizada pela paixão, amor, reverência, confiança cósmica e racionalidade das emoções, uma proposta promissora para uma nova visão de vir a ser no mundo.

Nossas possibilidades, enquanto Ser Humano são irrestritas e apaixonadas, comprometidas com a racionalidade, que não ignora, não nega, não deixa alheios os sofrimentos, os infortúnios, entendidos como “parte inescapável da vida” (SOLOMON, 2001, p. 167), mas, nos desafia a esse enfrentamento.

É no contexto dos significados de compromissos por nós assumidos frente à vida, que poderemos deslocar sofrimentos, desesperanças, tragédias, males, mazelas da vida, do “centro do palco da existência humana” para uma situação de coadjuvante nesse cenário (SOLOMON, 2001). A razão de estarmos no mundo é investir em nossa excelência, ampliarmos nossa consciência na busca por sentidos do verdadeiro eu, que vão além de aspectos puramente mundanos.

O texto acena para o compromisso das IES em suas iniciativas no investimento em Propostas de Ações em EC, que busquem um novo referencial de Ser Humano numa perspectiva de sua Inteira: uma possível alternativa na autoformação de seus professores no processo de sua formação.- um desafio ao Ensino Superior.

Como algumas outras possíveis contribuições, saliento:

- pontos de referência levantados para reflexão, como possibilidade de contribuir com programas informais e formais de EC em diferentes níveis de ensino, se contemplados em seus currículos, influenciando o desenvolvimento de um Ser de Inteiraza:

- oferta de indicadores de um novo e sensível “olhar” das IES para as questões de Autoformação como processo permanente no decurso da vida, apoiado em constituintes elementares dessa vida: o eu, os outros, a natureza, a sociedade, num processo auto-hetero-eco formativo que faz da formação um processo permanente, dialético, multirreferencial, transcultural e transdisciplinar;

- ampliação da compreensão de EC pelas IES enquanto princípio de um sistema de Educação Global e estratégia cultural no processo contínuo de um desenvolvimento individual e integral de seus professores;

- alerta para a responsabilidade social das IES de se preocuparem, no oferecimento formal de ações de EC, tais como: “cursos, seminários, palestras, capacitações docentes” que viabilizem um repensar de seus docentes sobre a responsabilidade, que é de cada um, pelas buscas de si e do outro, de conhecimento, de sentido e de felicidade que fazem ou estão deixando de fazer, bem como uma reflexão sobre suas correspondentes conseqüências na vida pessoal e profissional;

- construção de uma concepção própria e clara de Homem na educação o que suspeitamos ainda não existir, pela insuficiência da moldura atual de compreensão antropológica na qual atuam os educadores e que está a exigir a elaboração de uma subjetividade que acolha em sua essência o viés educacional;

- oferta de indicadores de diminuição dos reducionismos antropológicos que influenciam as teorias educacionais que perdem de vista a sua maior aposta: humanização daqueles que são chamados a se tornarem humanos;

- oferta de indicadores que viabilizem aos gestores e educadores sua realização de Ser Humano num processo de transformação de sua consciência, como um recurso para a busca de seu centro, pois tornamo-nos conscientes de nós mesmos e, conhecer nossa verdadeira identidade é a chave para lidarmos com estes tempos de transformação que diante de nós se colocam. Acredito, assim, transcendermos o falso racionalismo, aliando o desenvolvimento tecnológico e científico a uma sensibilidade ética, social e ambiental, utilizada de modo a atender necessidades sociais coletivas, pela compreensão do que nos faz únicos e ao mesmo

tempo iguais, em nossas divergências e singularidades, o que move nossas vidas, no sentido que damos a ela e como isso é proporcionado e vivido por nós nos mais diferentes ambientes em que estamos inseridos e nos quais nos são oportunizadas situações de Autoformação numa perspectiva de uma Educação para Inteira.

REFERENCIAS

ALARCÃO, I. **Compreendendo e construindo a profissão do professor – da história da profissão professor ao histórico profissional de cada professor.** Universidade de Aveiro: CIFOP, 2001.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

CAPRA, Fritjof. **As conexões ocultas, ciência para uma vida sustentável.** São Paulo: Cultrix, 2003.

CATANANTE, Bene. **A gestão do ser integral: como integrar alma, coração e razão no trabalho e na vida.** São Paulo: Infinito, 2000.

COLLET, H. G. **Educação permanente e abordagem metodológica.** Rio de Janeiro: SESC, 1976.

FERREIRA, Maria Elisa de Mattos Pires. **Universidade, Cultura e transdisciplinaridade. In Educação e Transdisciplinaridade.** Friaça, Amâncio et al. p.271-306, 2005.

FURTER, Pierre. **Educação Permanente e Desenvolvimento Cultural.** Petrópolis: Vozes, 1974.

_____. **Educação e Vida.** Petrópolis: Vozes, 1983.

.GADOTTI, Moacir. **A Educação contra a educação.** 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

GALVANI, Pascal. **A Autoformação, uma Perspectiva Transpessoal, Transdisciplinar e Transcultural. In: Educação e Transdisciplinaridade II – CETRANS.** São Paulo: TRIOM, p. 95-121, 2002.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação.** São Paulo: Cortez, 2004

- KUJAWSKI, Gilberto M. **Filosofia: a razão a serviço da vida**. São Paulo: Nacional, 1985.
- LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. **Habitantes de Babel: política e poética da diferença**, Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- MORAES, Maria Cândida. **Pensamento eco-sistêmico, educação, aprendizagem e cidadania no século XXI**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.
- _____. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- _____. **Ciência com consciência**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- _____. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- MOROSINI, Marília Costa. **Enciclopédia de Pedagogia Universitária**. Glossário Vol2. Brasília-DF, Brasil. INEP/MEC, 2006.
- NICOLESCU, Basarab. **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: TRIOM, 1999.
- SOLOMON, Robert C. **Paixão pelo saber**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- TREIN, Eunice & RODRIGUES, José. **Espaço Aberto- O Mal-Estar na Academia: produtivismo científico, o conhecimento – mercadoria**. Revista Brasileira de Educação, v.16, n48 set.-dez,2011,p.769-792.
- WILBER, Ken. **Psicologia Integral: Consciência, Espírito, Psicologia, Terapia**. São Paulo: Cultrix, 2002.
- _____. **Uma teoria de tudo: uma visão integral para os negócios, a política, a ciência e a espiritualidade**. São Paulo: Cultrix2003.
- WOLMAN, Richard N. **Inteligência espiritual: um método revolucionário para você avaliar e expandir seu nível de consciência e energia espiritual**. São Paulo: EDIOURO, 2001.
- YUS, Rafael. **Educação integral, uma educação holística para o século XXI**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

